

Este não é um texto de crítica ou teoria estética. Cláudio Caropreso, hoje, para mim, é o Claudinho. O que nos aproximou foi sua arte, e dela posso falar do ponto de vista do desfrute. Numa primeira visada, cores e linhas marcadas mostram-se o carácter principal de sua gravura; só isso já encanta, pela força e pelo impacto. O passante apressado não passa impune, detém-se, perde o compromisso.

Estancados na frente da imagem, cativos, ficamos reféns de outras impressões: fragmentos, restos, ruídos, farpas que saltam da imagem. Como? O processo de construção da obra possibilita essa profusão de informações. O artista trabalha com colagens antes de esculpir o desenho que imprimirá no papel; numa espécie de bricolagem, usa materiais fragmentários, dando novos significados a um acervo heterogêneo de signos.

Por exemplo, nesta seleção de sete gravuras que fazem parte da exposição *Portfólio 3*, vemos a fisionomia lívida de uma escultura hiperrealista de Ron Mueck ganhar arestas. Na leitura de Caropreso, o sono do homem não combina com nossa sociabilidade fragmentadora. As muitas curvas e a unidade precisam ganhar quinas, vincos, ser fracionadas para dar verossimilhança ao retrato.

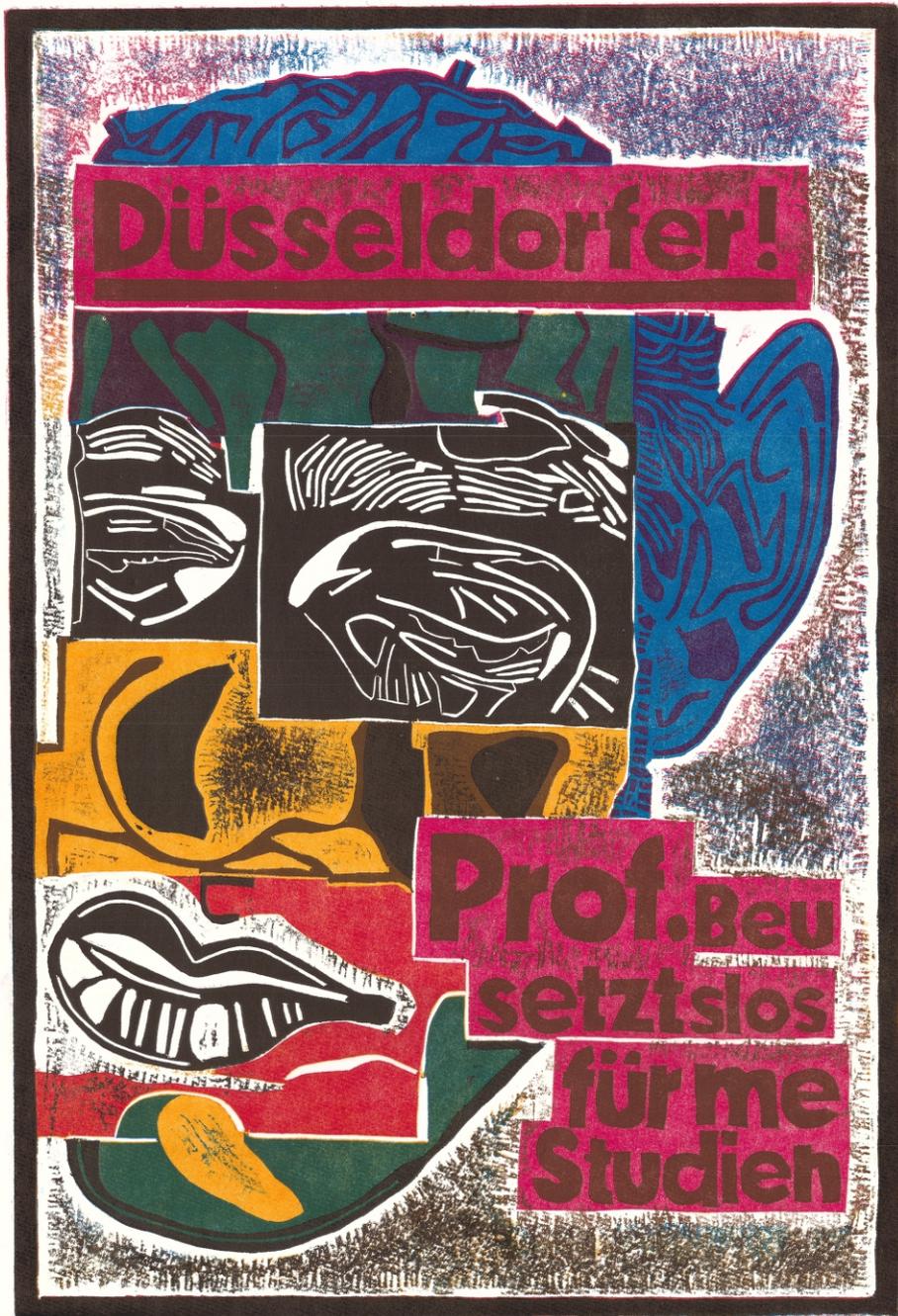
A goiva rasgando a madeira, mais que a tesoura que cria o retalho da colagem, emula os cortes na carne de nossa subjetividade. Os vermelhos, constantes nas gravuras, são o sangue que jorra da cesura. E o suporte dessa subjetividade esquartejada são palavras unidas ao acaso, ausência de sentido, puro ruído.

Paradoxalmente, na arte de Caropreso, acordamos do sequestro de cada imagem mais íntegros, como se o desnudamento de nossa esquizofrenia servisse de bálsamo cicatrizador para nossas feridas cotidianas.

Tarcila Lucena  
Maio 2017



galeria Gravura Brasileira+2  
rua Ásia, 219, +11.36240301  
[www.gravurabrasileira.com](http://www.gravurabrasileira.com)



**Düsseldorfer!**

**Prof. Beu  
setztlos  
für me  
Studien**